

NEGRO, A. L. e SILVA, S. (orgs.) *E. P. Thompson. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*

María Verónica Secreto
Depto. de História-UFC

Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

“Mentes que anseiam por um platonismo aseado logo se tornam impacientes com a história real.”

E.P. Thompson.

Peculiaridades dos ingleses é mais do que uma tradução. Na epígrafe, Christopher Hill diz sobre E. P. Thompson: “*sua influência mundial sobre os estudantes de história tem sido incalculável*”. Nenhuma frase ilustraria melhor o significado deste livro. Uma versão “doméstica” da Unicamp circulava faz alguns anos por iniciativa dos tradutores, quando realizavam o mestrado em história da Unicamp. Tratava-se de um texto para fins didáticos e de estrita circulação interna. Naquela versão antecipou-se a realização de um artigo de Alexandre Fortes e Antonio Luigi Negro sobre Thompson. Este viu-se concretizado no artigo que integra a parte introdutória da coletânea em questão, sendo intitulado “As peculiaridades de E. P. Thompson,” (e que também traz a autoria de Paulo Fontes). Previa-se a tradução de “Folclore, antropologia e história social,” igualmente incluído junto com “Nota sobre ‘As peculiaridades dos ingleses,’” “A história vista de baixo,” “Modos de dominação e revolução na Inglaterra” e “Algumas observações sobre classe e ‘falsa consciência.”

O artigo de Sérgio Silva “Thompson, Marx, os marxistas e os outros,” e o de Hobsbawm, “E. P. Thompson” (este último escrito por ocasião de sua morte) complementam essa parte introdutória.

Historiador, socialista, poeta, ativista, orador, escritor, marcado pela sua origem, pela tradição e pelo critério de lealdade, são algumas das adjetivações que Eric Hobsbawm dedica a Thompson.

Entre os adjetivos adjudicados por Hobsbawm talvez tenha esquecido o de empirista. “Peculiaridades de E.P. Thompson” inicia com uma epígrafe do próprio Thompson, fortemente marcado por sua negação das filosofias da história ou das visões teleológicas. Supondo que a história seja um túnel por onde corre um trem expresso rumo a uma planície ensolarada, e no qual vi-

vem gerações de passageiros que nascem e morrem sem ver a luz, o interesse do historiador deverá centrar-se na qualidade de vida, no sofrimento e satisfações daqueles que vivem e morrem nesse tempo não redimido; escreveu...

Poderíamos resumir as peculiaridades inglesas com uma frase do autor: “aconteceu de um jeito na França e de outro na Inglaterra”. A comparação surge no contexto do debate em que é produzido o artigo que denomina a coletânea *“As peculiaridades dos ingleses.”* Três artigos representantes da nova corrente da *New Left Review* (dentro da tendência iniciada na década de 1960) são o marco da construção de Thompson: “Origins of the present crisis” de Perry Anderson; “The British political elite” e “The anatomy of the Labour Party,” de Tom Nairn. Quando observada a partir da perspectiva francesa, a história inglesa apresentaria três importantes falhas: 1 - caráter prematuro e incompleto da revolução do século XVII. Conseqüentemente, a burguesia industrial não conseguiu obter a hegemonia mantendo uma relação simbiótica com a aristocracia terra-tenente; 2 - esta revolução do XVII foi impura porque impregnada de questões religiosas. A burguesia satisfez-se com a “ideologia do empirismo,” pela qual o legado intelectual da revolução teria sido quase nulo. Por último, uma revolução burguesa prematura deu lugar a um, outrossim, prematuro movimento da classe trabalhadora. O marxismo chegou tarde para esses trabalhadores, enquanto em Outros Países o marxismo arrebatou a classe trabalhadora.

Para responder a estes argumentos, Thompson entra num tema mais do que clássico: as origens e a natureza do capitalismo inglês.

Analisando essas origens, Anderson e Nairn não podem aceitar a noção de uma classe agrária *rentier* ou empresarial como uma verdadeira burguesia. Thompson recorre para resolver esta questão ao próprio Marx, que trata largamente do capitalismo agrário e do *farmer* como um capitalista industrial. O que houve no século XVIII, diz Thompson, foi uma redefinição capitalista do estatuto básico da propriedade, bem como da racionalidade da produção e das relações produtivas. Com um tom irônico, Thompson diz que é impossível compreender as origens do capitalismo inglês se esquadriñamos as “províncias atrasadas” com olhos parisienses.

Em meados do século XVIII, Thompson localiza um momento chave da transição quando cada vez mais integrantes da *gentry* deixaram de se ver como beneficiários de rendas e benefícios estáveis, e passaram para um papel mais agressivo em busca de lucro, seguindo a lógica de receitas crescentes. Detalhe relevante, o autor não deixa de reparar que a revogação da economia moral não foi obra da burguesia industrial, mas dos interesses agrários.

Podemos voltar àquela frase “aconteceu de um jeito na França e de outro jeito na Inglaterra” porque Thompson nos lembra que a mistura capitalista-agrária inglesa foi excepcional, e se não há lugar para esta no modelo, o

que deve ser mudado é o modelo. Segundo o autor, o que incomoda Anderson e Nairn é a passagem do capitalismo agrário e mercantil do XVIII para o capitalismo industrial do século XIX.

A Revolução Francesa não foi típica. Thompson se opõe ao modelo que concentra a atenção sobre um episódio dramático, “A” revolução, que se constituiu em tipo ideal.

CIÊNCIAS NATURAIS, ECONOMIA POLÍTICA E LINGUAGEM EMPÍRICA

Como tínhamos adiantado, uma das características da via inglesa, segundo Anderson e Nairn, foi o “empirismo cego”. A burguesia inglesa não teria transmitido impulsos de libertação à classe trabalhadora, nem valores revolucionários, só teria transmitido germes mortais do utilitarismo.

Conseqüência do que “realmente aconteceu” — o diferencial thompsoniano — a Revolução Inglesa foi disputada em termos religiosos porque a religião importava. Anderson e Nairn, diz Thompson, prefeririam que a Revolução tivesse ocorrido não em torno da religião, mas contra qualquer religião, desprezando o fato de que o protestantismo permitiu a expansão do racionalismo. Outro fato: não existia um enclave intelectual independente, mas uma multiplicação de enclaves intelectuais. Na Inglaterra de final do século XVIII e no XIX havia uma forte tradição de dissidência. Esta tradição não seria capaz de gerar um Marx, mas sem ela Marx não teria escrito *O Capital*. Esta tradição ainda foi capaz de gerar um Darwin. Podemos lembrar que quando o capitão Fitz Roy contactou Darwin para o acompanhar na expedição científica, o fez com o intuito de que o jovem cientista demonstrasse a existência do dilúvio e sua universalidade. As provas lhe ditaram o contrário. Darwin é, segundo Thompson, o resultado de três séculos de cientistas naturais britânicos e, em questão de décadas, foram postos à disposição do público conhecimentos que até então estiveram vedados. O conhecimento que “deveria” ter sido arrancado das mãos do padre e os enunciados de Darwin “deveriam” ter gerado uma grande crise, mas não aconteceu assim, entre outras coisas porque Darwin lançou sua teoria da evolução ante um público protestante e pós-baconiano.

Outras duas heranças ideológicas da revolução são salientadas por Thompson para contrapor àquela do utilitarismo denunciado por Nairn e Anderson: a tradição democrático-burguesa e a economia político-capitalista, esta última decorrente das limitações que a teoria mercantilista impunha a agricultores e manufactureiros. “*Bacon expeliu Deus das Ciências Naturais. Adam Smith expeliu-O da teoria econômica.*”(127) Foi esta contribuição que fez com que a burguesia industrial não se interessasse por teoria política: esta

não importava. Thompson pergunta-se: Como ignorar este dado quando Marx dedicou a obra de sua vida para derrubar essa teoria de Smith?

Por todos os argumentos anteriores, Thompson nega a existência de uma ideologia empírica, embora não negue a importância do idioma empírico que tem sustentado o realismo do romance inglês e tem servido às Ciências Naturais.

MODELOS, METÁFORA E MOVIMENTO ECONÔMICO

Sobre os modelos como metáfora do processo histórico, diz que a história não se torna história até que não haja um modelo, já que “tudo o que aconteceu” não pode ser apreendido. Porém o modelo não deve condicionar a seleção das evidências. O problema para Thompson não está em adotar um modelo, mas na metáfora escolhida pelo marxismo para exprimir a relação entre ser social e consciência social: a metáfora base—superestrutura leva ao esquematismo e ao reducionismo. O desafio é encontrar um modelo que abarque a dialética humana, no qual a história não apareça de maneira voluntária nem fortuita, nem determinada.

302 Apresenta-se o problema de como entender o movimento econômico. Evidentemente que descarta a possibilidade de causalção última. Thompson re-significa o termo econômico, afastando-o da representação usual, mas não a única, de econômico como forças produtivas e relações produtivas e indica o caminho hoje percorrido por sociólogos e antropólogos de entrelaçamentos das relações econômicas e não-econômicas das sociedades; pelo que é perigoso pensarmos num movimento econômico como oposto a um movimento cultural e moral. Caracterizando William Morris como exemplo, quando este escreveu sobre a “baixeza moral inata” do sistema capitalista o fez pensando no capitalismo como relações fundadas em formas de exploração que eram simultaneamente econômicas, morais e culturais. Por um momento se permite pensar que “base” não seja uma metáfora inadequada, mas, ainda assim, teríamos que entendê-la como não apenas econômica; mas cultural, historicamente constituída (embora este fato possa ser descrito em linhas gerais como econômico).

Composta com “os outros artigos”, a segunda parte da coletânea apresenta:

- 1) “A história Vista de Baixo”: trata-se de um estado da questão sobre a história social britânica; sempre nos termos das “peculiaridades do arquipélago”, diferente dos países com tradições revolucionárias ou populistas (nos quais a retórica da democracia teria saturado suas historiografias).

- 2) “Modos de dominação e revoluções na Inglaterra.” Novamente o termo de comparação é a França. Trata-se de uma crítica ao modelo de evolução histórica cujo motor é constituído por rupturas ou crises, partindo da idéia de que *n’O Capital* Marx se baseou no caso da Revolução Industrial inglesa, mas nos aspectos políticos guiou-se pela experiência francesa. Este último modelo apresenta uma série de crises com modelo de imposição hegemônica, enquanto o modelo inglês é de dominação contínua de uma burguesia fundiária.
- 3) “Folclore, Antropologia e História Social.” Das mais esperadas traduções, neste artigo Thompson apresenta algumas questões da relação da história com a antropologia e o folclore, questões levantadas a partir de sua experiência de pesquisa. Afirma ter sido levado a um diálogo com a antropologia, não nos termos de construção de modelos, mas na identificação de problemas. A busca de fontes sobre costumes levou-o a se aproximar dos folcloristas. Discorre sobre noções e conceitos como rituais, normas, teatro, tabus, terror, mediações sociais. Volta a tratar da inadequação da metáfora base—superestrutura, sem questionar a centralidade do modo de produção, mas sim a idéia de descrever um modo de produção em termos unicamente econômicos sem considerar as normas, a cultura e os conceitos sobre os que se organiza um modo de produção.
- 4) “Algumas observações sobre classe e ‘falsa consciência.’” Este derradeiro texto aborda o tema de forma sintética através de oito pontos: 1-a necessidade de considerar classe como categoria histórica; 2-a constatação de que uma grande parte do discurso sobre a classe ocorre no nível teórico; 3-em muitas abordagens predomina a visão estática de classe; 4-classe é uma categoria histórica ainda para o próprio Marx d’*O capital*; 5-recuperar a classe como categoria histórica permitirá aos historiadores realizar observações empíricas além de utilizá-la como categoria heurística; 6-heuristicamente classe é inseparável de “luta de classes”. Este último conceito é prioritário, já que traz embutida a idéia de processo, é um conceito histórico que indica movimento. “Classe e consciência de classe são sempre o último e não o primeiro degrau de um processo histórico real;” 7-a classe configura-se segundo o modo em que os homens vivem as relações de produção, segundo suas experiências no conjunto das relações sociais; 8-sobre a “falsa consciência”, é uma construção absurda dos partidários das elites. A consciência designa uma cultura global desprendida da formação da classe, que não pode ser nem verdadeira nem falsa.

A publicação brasileira de “As peculiaridades dos ingleses e outros arti-

gos” responde a uma necessidade acadêmica e política, duas instâncias que não se separam. Compõem esta coletânea textos de grande densidade conceitual que nos alertam sobre os perigos das simplificações. A mais atacada delas: a metáfora base—superestrutura. Mas outra leitura também é possível, sobretudo sabendo do convencimento que a respeito desta última afirmação têm os leitores thompsonianos: a economia não pode ser abolida. Ela está presente em todas as construções e explicações dos artigos, na forma de economia cultural e socialmente construída.

Em 1933, por motivos semelhantes aos de Thompson, Caio Prado tentava explicar a evolução política do Brasil e escrevia sobre o instante do nascimento da nação brasileira:

Erradamente entenderam alguns, que nossas condições fossem idênticas ou mesmo semelhantes às daquelas nações. Basta lembrar que as idéias do sistema político adotado por nossos legisladores constitucionais exprimem na Europa as reivindicações do Terceiro Estado, especialmente da burguesia comercial e industrial, contra a nobreza feudal, a classe dos proprietários. Até certo ponto, é o contrário que se dá no Brasil. São aqui os proprietários rurais que as adotam contra a burguesia mercantil daqui ou do reino.¹

304

Talvez seja esta uma “peculiaridade brasileira” bem próxima da inglesa, no que diz respeito às origens agrárias do capitalismo, e que evidentemente tampouco se “encaixa” no modelo francês.

Aconteceu de um jeito na Inglaterra e de outro no Brasil. Na ilha, disseram Anderson e Nairn, um capitalismo prematuro deu origem a uma burguesia apática e serva da arcaica tradição aristocrática, e a burguesia então deu origem a um proletariado subordinado, sem vocação hegemônica. No Brasil, se diz que um tardio capitalismo se viu construído por um Estado forte, que tomou o lugar da burguesia, porque que esta “falhou” em ser revolucionária. Como resultado, predominou a arcaica tradição oligárquica e o Estado subjugou a classe trabalhadora. Se a mistura capitalista-agrária brasileira não foi única, mas certamente excepcional, e se não há lugar para ela no modelo, o que deve ser mudado é o modelo.

NOTA

¹ PRADO, Caio, *Evolução política do Brasil: Colônia e Império*. São Paulo: Editorial Brasiliense, 1999, p. 54.

Resenha recebida em 12/2002. Aprovada em 10/2003.